



POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NA GUINÉ EQUATORIAL

Rosângela Morello e Susana Castillo-Rodriguez
Organizadoras

Contato:

Instituto internacional da Língua Portuguesa (IILP)

Av Andrade Corvo, nº 8

Plateau, Cidade da Praia - Cabo Verde

Telefone: (238) 261 95 04

www.iilp.org.cv

www.riilp.org

e-mail: revistariilp@gmail.com

Políticas Linguísticas na Guiné Equatorial

Rosângela Morello
Susana Castillo-Rodriguez
(organizadoras)

Revista do Instituto Internacional da Língua Portuguesa - PLATÔ

Editores

Gilvan Müller de Oliveira

Rosângela Morello

Secretaria Executiva

Denise Fonseca

Comitê editorial

Ana Isabel Soares (Instituto Camões, Portugal)

António Branco (Universidade de Lisboa, Portugal)

Clémence Jouët-Pastré (Universidade de Havard, Estados Unidos da América)

Emir José Suaiden (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/IBICT, Brasil)

Gregório Firmino (Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique)

Guadalupe Teresinha Bertusse (Universidade Pedagógica do México, México)

Manuel Monteiro da Veiga (Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde)

Maria José Grosso (Universidade de Macau, Macau)

Equipe Técnica

Rosângela Morello: supervisão técnica

Rosângela Morello e Denise Fonseca: revisão

Ana Paula Seiffert: divulgação

Felipe de Almeida: design gráfico

Vanessa de Luca Bortolato: design gráfico

Ficha catalográfica (em tramitação)

Revista do Instituto Internacional da Língua Portuguesa - PLATÔ - Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) - V.3, N.6 (2016), Cidade da Praia, Cabo Verde: Editora do IILP, 2016.

Semestral

ISSN 2311-6625 on line

Arte da capa: Felipe Almeida e Vanessa de Luca

1. Língua Portuguesa - Periódicos. 1. Instituto Internacional da Língua Portuguesa
Todos os direitos autorais estão reservados a PLATÔ/IILP

- 04** Apresentação - Políticas Linguísticas na Guiné Equatorial
Rosângela Morello
- 06** La colonización lingüística de España en Guinea Ecuatorial
Susana Castillo Rodríguez
- 20** O estatuto do pichi na Guiné Equatorial
Kofi Yakpo
- 42** La situación lingüística de Guinea Ecuatorial: obstáculos para la implantación de una política lingüística exitosa.
Mikel Larre Muñoz
- 60** La lengua bubi: ¿desaparición o rehabilitación?
Justo Bolekia Boleka
- 74** Os primeiros passos do português no mais novo país lusófono da CPLP.
Susana Castillo Rodríguez
- 82** Políticas linguísticas e multilinguismo: usos e circulação do fá d'ambô nas redes das línguas da Guiné Equatorial
Rosângela Morello

O estatuto do pichi na Guiné Equatorial

Kofi Yakpo

Sobre o autor

Kofi Yakpo
Universidade de Hong Kong.
Contato: kofi@hku.hk

Yakpo, Kofi. 2016. O estatuto do pichi na Guiné Equatorial. PLATÔ (Revista Digital do Instituto Internacional da Língua Portuguesa) 3(6). (Glotopolítica Na Guiné Equatorial). 20–40.

Resumo

Este artigo¹ explora a relação entre as políticas e as ideologias linguísticas relacionadas ao pichi, o crioulo de base lexical inglesa da Guiné Equatorial e a segunda língua nacional mais amplamente falada do país. Forneço explicações para a ausência de compromisso do Estado com o pichi, assim como a omissão do mesmo nos discursos públicos. Sugiro que as ideologias linguísticas que circundam o pichi estabelecem, em grande medida, valores negativos sobre a língua e têm contribuído para inibir as oportunidades de elevação de seu *status* e expansão de seu uso na Guiné Equatorial. Concluo que o pichi continuará, portanto, a ampliar suas funções sociais informalmente, pela conquista gradual de domínios adicionais de uso.

Palavras-chaves

Crioulo. Espanhol. Discurso. Ideologia linguística. Política linguística.

¹ Texto traduzido do inglês por Cintia Vilanova e Rosângela Morello.

1. Introdução

As duas línguas crioulas da Guiné Equatorial, pichi e fa d'ambô, têm importantes representações em comunidades nativas. O fato destas duas línguas terem suas raízes no colonialismo e na escravização dos africanos por europeus as expõem, mais que a outras línguas africanas, às contradições que estes eventos cataclísmicos deixaram na África atual. Os obstáculos políticos e ideológicos para dar às línguas africanas seu lugar de direito nos assuntos das nações africanas são imensos. Mas a respeito da língua pichi, estes obstáculos parecem intransponíveis. Nos discursos escritos e falados, desde a colonização até o presente, há profundas raízes nas continuidades da representação negativa do pichi. E estas coincidem com uma ausência geral de vontade política para promover uma expansão das funções de todas as outras línguas africanas da Guiné Equatorial.

Neste artigo, exploro as ideologias linguísticas sobre o pichi e, ao fazê-lo, tento prover uma explicação para a falta de qualquer compromisso do Estado, assim como sua omissão em todo e qualquer discurso público formal no que diz respeito à promoção dessa língua. Concluo que as ideologias linguísticas existentes relacionadas ao pichi tornam improváveis mudanças em abordagens oficiais. Paralelamente, uma constelação de fatores internos e externos à Guiné Equatorial provavelmente contribuirão para a expansão das funções sociais do pichi no futuro.

Na seção 2 deste artigo, forneço uma visão geral do papel de pichi na Guiné Equatorial, sua relação com outras línguas na África Ocidental e arredores e as características da família linguística a que pertence. Abordo, na seção 3, as políticas linguísticas na Guiné Equatorial e o lugar do pichi neste contexto. Na seção 4, parte principal deste artigo, focalizo as ideologias linguísticas tais como elas se manifestam no discurso escrito e falado sobre o pichi. A seção 5 conclui este artigo.

2. O pichi no contexto nacional e internacional

O pichi é uma ramificação direta da língua krio de Serra Leoa. O ancestral do pichi chegou em Bioko, então conhecida pela sua designação colonial de Fernando Pó (cf. Mapa 1), com colonos africanos de Freetown, Serra Leoa, em 1827². A ilha de Bioko é uma das três entidades geográficas que compõem a nação da Guiné Equatorial, a segunda é a Ilha de Annobón, e a terceira é Río Muni, no continente Africano.

Para o pichi são também encontradas, na literatura linguística, as seguintes denominações: Fernando Po Krio (e.g. Berry, 1970), Fernandino Creole English (e.g. Holm, 1988), Pidgin (English) (e.g. Morgades Bessari, 2004), Broken English (Zarco, 1938) e Pichinglis (e.g. Lipski, 1992). No entanto, todas as denominações acima, exceto a última, são atribuídas desde fora e não têm valor mais amplo na própria Guiné Equatorial. A maioria dos atuais falantes referem-se à língua como Pichinglis, Pichin (pit[ĩ] pronunciado com a vogal final anasalada) ou mais comumente, Pichi. Os falantes mais antigos, às vezes também se referem à língua como Krio.

O pichi é falado principalmente em Malabo, capital da Guiné Equatorial localizada na ilha de Bioko, e é usada como língua franca em toda a ilha. Não há dados de censo linguístico específico na Guiné Equatorial. De acordo com minhas estimativas, pode-se assumir que ao

2 FYFE, 1962:165.

menos 70% da população da ilha de Bioko, portanto mais de 150.000 habitantes, usam o pichi regularmente como língua principal ou secundária. Dentro da Guiné Equatorial, esse é um bom motivo para assumir que o pichi é a segunda língua africana mais falada do país, ficando atrás do fang, com suas variações dialéticas distintas³ e na frente do bubi, a qual também é dialeticamente muito diferenciada⁴.

Em termos de número de falantes, o pichi é a menor língua da família de crioulos e pidgins afrocaribenhos de base lexical inglesa (abreviada daqui para frente como AECs, derivado do termo "Afro-Caribbean English-lexifier Creoles") depois do aku (falada na Gambia). O pichi pertence a uma imensa família linguística que se estende da costa da América Central no Caribe, passa pela bacia do Atlântico e segue até a África ocidental. Há evidências convincentes de que estas línguas devem suas similaridades à ancestralidade comum em uma proto-língua falada no Caribe oriental e possivelmente ao longo de toda a costa da África Ocidental, no início do século XVII⁵.

A partir de minha experiência, posso afirmar que a intercompreensão mútua no ramo africano dessa família (compreendendo o Nigerian Pidgin (pidgin nigeriano), Cameroon Pidgin (pidgin camaronês), Ghanaian Pidgin English (inglês pidgin ganês), o krio, o pichi e o aku) é muito alta. Igualmente alta é a intercompreensão mútua no ramo caribenho da família, com exceção notável dos AECs do Suriname, que em muitos aspectos, parecem estar mais próximos dos AECs da África Ocidental (Hancock, 1987).

A família de crioulos de base lexical inglesa alcança seu maior número de falantes na África Ocidental. A tabela a seguir fornece o número estimado de falantes das seis principais variedades dos AECs na África Ocidental e no Caribe, respectivamente. As fontes para a estimativa do número de falantes são apresentadas na última coluna da direita.

Idioma	País Falado	Falantes estimados	Idioma
Nigerian Pidgin	Nigeria	80 milhões	Ihemere 2006
Cameroon Pidgin	Camarões	10 milhões	Lewis, Simons & Fennig 2013
Krio	Serra Leoa	5 milhões	Finney 2011
Ghanaian Pidgin English	Gana	5 milhões	Huber 2012
Pichi	Guiné Equatorial	150 mil	Yakpo 2013a
Jamaican Creole	Jamaica	3 milhões	Farquharson, p.c.
Trinidadian Creole	Trinidad	1 milhão	Lewis, Simons & Fennig 2013
Creolese	Guiana	800 mil	Devonish & Thompson 2010
Crioulos de Suriname (Sranan, Ndyuka, Saamaka)	Suriname	700 mil	Carlin & Arends 2002; Migge 2009; Migge & Léglise 2012
Total de falantes			~106 milhões

Tabela 1. Número de falantes de crioulos afrocaribenhos de base lexical inglesa selecionados.

O número estimado de falantes das maiores línguas da família, acima listadas, mostra que, juntas, as diferentes variedades de AECs formam um dos maiores grupos linguísticos do hemisfério ocidental. Note que a lista não contém as numerosas variedades de AECs faladas

3 HOMBERT, 1991.

4 BOLEKIA BOLEKÁ, 2008: 21ff.

5 SMITH, 1987; HANCOCK, 1986; 1987.

nas ilhas e costa caribenhas. Considerando igualmente que, em estatísticas demolingüísticas, diversos dialetos são agrupados sob o nome de um único idioma (por exemplo, variedades mutuamente não compreensíveis como o árabe marroquino e o árabe iemenita são contados como “árabe”, ou então conta-se como “alemão” os dialetos suíços e saxões, incompreensíveis entre si), há justificativa suficiente para fazer o mesmo com as variedades agrupadas sob o título de “crioulos afro-caribenhos de base lexical inglesa”. Uma constelação de fatores ideológicos, que tem conduzido a uma falta de consenso sobre a classificação genealógica dessas línguas – fatores que se refletem parcialmente nas ideologias dominantes sobre o pichi (cf. seção 4) – faz com que os AECs, no entanto, não figurem como uma variedade ou grupo de variedade(s) coerente(s) nas estatísticas demolingüísticas. Apesar disso, as estimativas sobre o número de falantes de AECs nos vários países e territórios colocariam este continuum de línguas entre as dez primeiras posições das línguas mais faladas no mundo, atrás do chinês mandarim (~840 milhões), inglês (~330 milhões), espanhol (~460 milhões) e árabe (~220 milhões), mas à frente do alemão (~84 milhões) e do francês (~69 milhões) (Lewis, Simons & Fennig 2013, fonte para estatística linguística). Portanto, o pichi pode ser visto como uma autêntica variedade equatoguineana de uma das maiores continuidades linguísticas do mundo, que permite a comunicação em um imenso espaço geográfico abrangendo dois continentes, a África e a América.

Estes fatos sobre os AECs são importantes quando avaliamos a atual situação do pichi na Guiné Equatorial e os discursos que o envolvem. Veremos, na próxima seção, que a política e prática do Estado na Guiné Equatorial não aproveitam as oportunidades oferecidas pelo fato do pichi ser parte do “capital” linguístico do país.

3. Política e realidade linguística na Guiné Equatorial

Nesta seção, comparo as políticas linguísticas oficiais com as realidades do uso das línguas na Guiné Equatorial. Concluo que há uma discrepância significativa entre as abordagens oficiais e a significação real das línguas particulares para a comunicação nacional e internacional e para a vida econômica.

A Guiné Equatorial não tem um enquadramento legislativo ou quadro político que defina os detalhes da relação entre as várias línguas faladas no país. No entanto, a Constituição do país contém uma afirmação explícita sobre a condição e funções de línguas particulares. O artigo 4 da Constituição declara o espanhol, o francês e o português como idiomas oficiais, enquanto que os idiomas indígenas são reconhecidos como uma parte integral da cultural nacional (Constituição da Guiné Equatorial, 2011).

A Constituição, portanto, cria uma relação hierárquica entre três línguas europeias de um lado, e as línguas africanas faladas pela maioria dos equatoguineanos, de outro. Tais combinações de fortalecimento constitucional dos idiomas dos antigos colonizadores e afirmações declaratórias relativas aos idiomas africanos sem desdobramentos legais concretos são comuns nas constituições africanas pós-independência⁶.

Paralelamente, a Guiné Equatorial dispõe de formulações “difusas” sobre as políticas linguísticas (Skutnabb-Kangas, Phillipson & Rannut 1994). Por exemplo, no sistema educacional,

6 Outro exemplo é a Constituição do Gabão (2003), artigo 2, que afirma que “a República do Gabão adota o francês como sua língua oficial em funcionamento, enquanto que “trabalha pela proteção e promoção das línguas nacionais” (“La République gabonaise adopte le français comme langue officielle de travail. En outre elle oeuvre pour la protection et la promotion des langues nationales”). O artigo 2 da Constituição da República Democrática do Congo (2006) declara o francês como língua oficial enquanto que “assegura a promoção” (“assure la promotion”) das quatro línguas mais amplamente faladas do país, Kikongo, Lingala, Swahili e Tshiluba.

do primeiro até o terceiro nível, a educação é feita unicamente por meio do espanhol e não há ainda nenhum papel adequadamente definido para a instrução nas línguas maternas africanas da maioria das crianças (Yakpo 2011). No entanto, o projeto revisado da educação nacional (República de Guiné Equatorial 2007) oferece o uso "facultativo" dos idiomas indígenas na educação, embora sem mais especificações (Olo Fernandes 2012: 4).

O contexto político e jurídico difere marcadamente das realidades do uso da língua na Guiné Equatorial. Três aspectos devem ser destacados nesse contexto. Por uma parte, o francês e o português, línguas cooficiais, não desempenham um papel significativo na comunicação entre os equatoguineanos, nem deles com os cidadãos de países vizinhos. Em segundo lugar, a única língua não-indígena a registrar crescimento significativo de usuários dentro da Guiné Equatorial e importância para as relações regionais e internacionais é o inglês, que não é uma língua cooficial. Em terceiro lugar, as línguas internacionais mais amplamente faladas da Guiné Equatorial são o pichi e o fang, ambas indígenas e sem reconhecimento legal.

As observações a seguir são a respeito das línguas cooficiais, o francês e o português. Politicamente, a Guiné Equatorial é fortemente integrada na Comunidade Econômica dos Estados da África Central (acrônimo francês CEAAC "Communauté Économique des États d'Afrique Centrale"). A maioria dos estados membros do CEAAC tem o francês como língua oficial e não há dúvida que esta se tornou uma língua importante na diplomacia regional para funcionários do Estado da Guiné Equatorial. No entanto, é difícil determinar o quanto o francês se enraizou nas práticas linguísticas cotidianas dos equatoguineanos⁷. Minhas observações indicam que há exposição esporádica de partes da população ao francês, em particular os habitantes da fronteira de Río Muni, e os dos centros urbanos de Malabo e Bata. Há também certo grau de exposição da população ao francês através da mídia e da música popular de Camarões e do Gabão.

No entanto, a impressão geral é que o francês está longe de ser (ou se tornar) a língua de maior ocorrência no país. Um desempenho na língua, para além da comunicação rudimentar, parece estar limitado a membros da elite universitária do país, a grupos especializados tais como pessoas de negócios e comerciantes que lidam com Camarões e Gabão, e a indivíduos que vivem e trabalham em países francófonos, vizinhos da Guiné Equatorial.

Além *desse quadro*, parece não haver um multilinguismo social envolvendo o português, língua cujo conhecimento está limitado a indivíduos que, em virtude de suas histórias pessoais, conseguem adquiri-la em algum momento de suas vidas.

Dada a ausência de números oficiais sobre o uso das línguas na Guiné Equatorial, a natureza e a intensidade das relações econômicas entre a Guiné Equatorial e outros países parecem orientar tais usos. Na economia formal, dados referentes ao comércio mostram uma preponderância de parceiros comerciais não-africanos, com a Espanha liderando a lista com 15% da exportação. Mas a França (5%) está muito aquém de outras nações, enquanto que os números para Portugal e outros países de língua portuguesa da África são muito baixos para aparecer separadamente nas estatísticas (United States, Central Intelligence Agency, 2012).

Em áreas de economia tradicional classificadas como "informais", torna-se importante o

7 Um relatório de 2010 da OIF (Organização Internacional da Francofonia) lista 7% de equatoguineanos como "francófonos" (o que inclui a capacidade de falar, ler e escrever em francês) e 22% como "parcialmente francófono" (o que significa ser capaz de falar francês). A OIF admite que estes números foram fornecidos pelo governo da Guiné Equatorial em resposta a um questionário apresentado pela OIF. De acordo com o que temos conhecimento, nenhuma pesquisa linguística nacional sistemática até agora tem sido conduzida na Guiné Equatorial, nem mesmo para as línguas individuais. Os números oficiais, sejam os fornecidos pelo governo da Guiné Equatorial ou pela OIF devem, portanto, serem tomados com extrema cautela. A página da Guiné Equatorial no site da OIF (<http://www.francophonie.org/Guinee-Equatoriale.html>) vai tão longe a ponto de declarar 200.000 equatoguineanos falantes de francês, portanto, um terço da população oficial. Tais números inflacionados devem ser considerados em relação a propósitos políticos.

comércio de alimentos básicos como o peixe, tubérculos, vegetais e frutas para consumo local, na fronteira com Nigéria, Camarões e Gabão⁸. Por sua vez, comerciantes e artesãos da China, Mali, Senegal, Nigéria, Gana e Camarões possuem e trabalham em muitas pequenas lojas e oficinas em Bioko e Ríó Muni, fornecendo serviços aos equatoguineanos. Os contatos comerciais desta natureza são dominados por produtores locais e pequenos comerciantes, frequentemente com nível básico de instrução, os quais negociam em fang, pichi e espanhol, além do francês.

O inglês parece ter ultrapassado o espanhol como língua na condução dos negócios no setor de petróleo e gás, o mais importante da economia. Em resposta, o ensino de inglês tem aumentado fortemente na Guiné Equatorial a fim de atender a crescente demanda desse setor petrolífero. O crescimento do prestígio e dos usos práticos do inglês está também refletido na emergência de Gana como um destino regional para equatoguineanos em busca de educação média terciária e de formação em inglês. Fora da África, os Estados Unidos da América parecem ultrapassar a Espanha e a França como o principal país para onde as parcelas mais ricas da elite equatoguineana enviam seus filhos para uma educação terciária. Em seu conjunto, estes fatores colocam em marcha dinâmicas através das quais podemos esperar, em futuro próximo, a consolidação e expansão do inglês na Guiné Equatorial.

Finalmente, o crescimento exponencial da interação econômica entre a Guiné Equatorial e a China, bem como a presença de cidadãos chineses na Guiné Equatorial tem proporcionalmente aumentado o contato dos equatoguineanos com a cultura e a língua chinesas.

O terceiro e último aspecto relacionado ao uso de línguas na Guiné Equatorial é o fato de somente duas línguas faladas por comunidades nativas serem qualificadas como verdadeiras línguas internacionais na ampla área geográfica de que a Guiné Equatorial faz parte. Essas duas línguas são o fang e o pichi, portanto, duas línguas indígenas⁹. Defendi o alcance internacional de pichi na seção 2. O conjunto de variedades comumente designadas como língua fang (que inclui dialetos como ntumu, mvaï, okak, mekè, nzaman, betsi), por sua vez, pertence ao grande contínuo dialetal que se estende por grande parte do Sul de Camarões, toda a Guiné Equatorial, grande parte do Gabão e a fronteira da República do Congo (Perrois 1972: 102ff.). Não há censos recentes, mas pela estimativa dos números da população, o número de falantes de fang e suas variedades próximas, abarcando as variedades do beti e bulu, compreensíveis entre si, facilmente atinge a cifra de quatro milhões de falantes nesses países (cf. as estimativas de falantes em Lewis, Simons & Fennig, 2013).

Para um observador neutro, é, portanto, surpreendente que nem o pichi nem o fang apresentem um reconhecimento legal adequado, enquanto que duas línguas legalmente reconhecidas (francês e português) não se representam em comunidades indígenas falantes, e a outra (espanhol) não seja de uso prático na comunicação internacional na região leste e central da África, à qual a Guiné Equatorial pertence. Na Guiné Equatorial, assim como em outros países africanos, um complexo conjunto de fatores ligados à dependência sociocultural do colonizador, ao elitismo, a uma ausência de visão política das elites dirigentes, a instituições públicas fracas e à falta de conhecimento técnico e administrativo, é responsável pela negligência oficial das línguas africanas e a concomitante continuidade das políticas linguísticas coloniais (cf. Muthwii & Kioko 2004; Baldauf & Kaplan 2007; Bamgbose 2000).

No entanto, no caso do pichi, parece ser particularmente gritante a discrepância entre sua importância como língua nacional e internacional, e sua ausência nas mais pragmáticas funções oficiais (cf. also Lipski 2002: 79). Mais que outras línguas africanas da Guiné Equato-

8 cf. NKENDAH et al., 2011.

9 Fui informado por falantes nativos do fa d'ambô e iungwa santomé, a maior língua do vizinho da Guiné Equatorial, República de São Tomé, que a compreensão entre essas duas línguas é mínima. Portanto, o fa d'ambô não pode ser contabilizado como uma língua internacional.

rial, o pichi é invisível na esfera pública. Enquanto que outras línguas são frequentes e espontaneamente produzidas nos discursos públicos, possuem espaço na Rádio Nacional da Guiné Equatorial e são fortemente ouvidas no contexto semiformal, o pichi está altamente ausente da mídia audiovisual digital e impressa. O pichi também não é comumente empregado na igreja, em grandes encontros sociais particulares (como casamentos) ou em qualquer outra situação semiformal. O pichi está largamente ausente da música popular da Guiné Equatorial, o que é surpreendente em vista da proeminência da música cantada em Nigerian Pidgin (pidgin nigeriano) e Ghanian Pidgin English (pidgin inglês de Gana), no cenário musical de Malabo¹⁰. Interações em pichi são, portanto, totalmente relegadas ao domínio interpessoal. O silêncio sobre o pichi se estende à academia. Além do trabalho de Morgades Bessari (2004, 2011) e Lipski (1992, 2002) sobre os aspectos sociohistóricos da língua, e meu trabalho sobre a gramática e léxico do pichi¹¹ não há, até o momento, esforços para documentar a literatura oral da língua, que está rapidamente caindo no esquecimento¹², e não há tentativas de explorar mais aprofundadamente os aspectos estruturais do pichi, seus diferentes registros e variedades regionais, ou características sociolinguísticas tais como a relação triangular entre o pichi, o bubí e o espanhol em Bioko.

Uma razão para esse paradoxo pode ser encontrada nas ideologias linguísticas prevalentes e nas atitudes sobre o pichi. Exploro algumas delas na próxima seção.

4. Ideologias linguísticas em relação ao pichi

A seguir, apresentarei e analisarei ideologias e atitudes diretamente ligadas ao pichi, considerando como elas se manifestam no discurso escrito e falado. Para o presente propósito, defino ideologias linguísticas como o sistema de ideias (sentimentos, valores, crenças) sobre as relações entre a língua e a estrutura social¹³. As ideologias linguísticas englobam pontos de vista sobre o valor relativo de uma língua ou variedades em uma sociedade, ideias sobre como determinadas línguas funcionam e como elas são estruturadas, crenças sobre a adequação de línguas particulares, variedades e registros a situações específicas ou a grupos sociais particulares¹⁴. Uma função social importante das ideologias linguísticas é, portanto, criar e representar identidades e entidades sociais tais como etnia, classe, nacionalidade ou gênero¹⁵. As ideologias linguísticas envolvendo o pichi, em grande parte, criam valores negativos sobre essa língua e assim, contribuem para inibir as possibilidades de elevação do seu *status* e de expansão de seus usos na Guiné Equatorial.

Os discursos sobre o pichi e as representações ideológicas deles resultantes podem ser agrupados em três temas gerais. Um primeiro se refere ao estado do pichi como uma língua de pleno direito. Um segundo tema trata da questão do hibridismo do pichi. Um terceiro envolve a questão de propriedade: o pichi possui falantes nativos e é um veículo para transmissão de sua cultura e para constituição da identidade do grupo, ou é somente uma ferramenta para

10 A exceção mais notável desta tendência, de que eu estou ciente, é música “mi tierra”, um rap sobre a situação dos emigrantes na Espanha feita por Meko – compositor guinequatoriano pioneiro de hip hop. Embora o refrão seja cantado em espanhol, os versos são falados inteiramente em pichi. “Mi tierra” foi oficialmente lançado no álbum do Meko “Lo que dan los años (2009)”, mas ele me deu uma cópia de pré-lançamento do álbum em 2007.

11 YAKPO 2009a, 2009b, 2010, 2012a, 2012b, 2013a, 2013b.

12 MORGADES BESSARI, p.c.

13 cf. IRVINE 1989.

14 MIGGE & LÉGLISE 2012: 116–117.

15 KROSKRITY 2004.

comunicação?

O domínio colonial espanhol, como o de outros colonizadores europeus, se apoiou no fundamento ideológico do racismo. A crença de que as línguas europeias, assim como seus cidadãos e culturas, eram intrinsecamente superiores àqueles da África permeou o pensamento científico e o imaginário popular da Europa na era colonial¹⁶.

No entanto, as visões existentes sobre a inferioridade das línguas africanas foram ampliadas em relação ao pichi devido a sua similaridade léxica com o inglês e a suposta simplificação da estrutura desta língua, que observadores europeus acreditaram reconhecer em uma língua que eles não dominavam. O pichi foi considerado uma forma empobrecida do inglês pelos administradores, missionários e acadêmicos coloniais espanhóis, um idioma que não merecia o *status* de língua real. O “Dialecto inglês-africano” de De Zarco (1938), até recentemente a única visão geral da gramática e do léxico do pichi, traz um aviso ao leitor no primeiro parágrafo da seção do dicionário do livro (com minha ênfase em sublinhado e negrito nos trechos a seguir):

Trecho 1.

“Siendo tan reducido el caudal de términos del inglés africano por tratarse de una lengua tan imperfecta en comparación con las nuestras, no se puede hablar propiamente de Diccionario, sino de un simple Vocabulario (...)” (ZARCO 1938: 107)¹⁷.

Como todas as línguas da África, e as crioulas em particular, o pichi ainda tem que lutar contra o legado ideológico do colonialismo e do racismo sobre os seus aspectos linguísticos. Até hoje, visões sobre a suposta inferioridade do pichi perduram e são explícita e implicitamente manifestadas em fontes escritas e faladas nos discursos sobre essa língua. Estas visões podem ser reagrupadas sob três temas discursivos gerais, que invariavelmente constroem a imagem de inferioridade do pichi: o pichi é considerado uma variedade subpadrão e não uma língua; o pichi é excessivamente misturado e tem pouca ou nenhuma norma gramatical; o pichi é “língua de ninguém”, ou seja, não tem verdadeira comunidade nativa falante. A seguir, irei aos detalhes nesses três *topoi* ou argumentos do discurso.

Um aspecto que discursivamente subjuga o pichi é sua classificação como um “dialeto” em vez de uma língua. A próxima citação de um espanhol que colabora em um fórum digital de discussões na Guiné Equatorial caracteriza esta visão. Ele mostra que o “dialeto” oposto à “língua” não é somente usado como uma forma de opor o pichi e o espanhol. É também aplicado para outras línguas africanas faladas na Guiné Equatorial. Enquanto que o espanhol é referido como uma língua (“idioma”), o pichi e outras línguas indígenas são reagrupadas sob o título de dialetos (“dialectos”), portanto, variedades subpadrões, sem as características de línguas de grande escala:

Trecho 2.

16 Uma exposição contundente desse clima ideológico no campo da linguística pode ser encontrado na seguinte afirmação na “Gramática da língua bubi” de Juanola (1898:6) “Es tan simple esta lengua en sus reglas, que no se guía por terminaciones en los variados accidentes que en el discurso sufren las diferentes partes de la oración, como sucede en nuestra lengua española y en tantas otras europeas, que por su cultura con razón se las llama sabias.” [“Esta língua [ou seja Bubi] é tão simples em suas regras que não é dotada de terminações em várias infleções que as diferentes partes sofrem no discurso, como ocorre em nossa língua espanhola e em tantas outras línguas europeias que são, com razão, chamadas de eruditas ”].

“Sendo tão reduzida a lista de termos do inglês africano, por tratar-se uma língua imperfeita, se comparada à nossa (i. e. o espanhol), não se pode falar propriamente de um dicionário e sim de um simples vocabulário.”

17 “Sendo tão reduzida a lista de termos do inglês africano, por tratar-se uma língua imperfeita, se comparada à nossa (i. e. o espanhol), não se pode falar propriamente de um dicionário e sim de um simples vocabulário.”

“El idioma oficial de Guinea es el español, Guinea fue colonia española, y además del español lo que suelen hablar es en su dialecto “Pidgin” pero además creo que se hablan como 5 ó 6 dialectos más...”¹⁸ (<http://www.spaniards.es/foros/2009/11/16/trabajar-en-guinea>)

Exageros sobre a característica híbrida do pichi também são muito difundidos em fontes escritas sobre esta língua. O trecho a seguir, retirado de um blog particular de um professor de espanhol de uma escola, em uma postagem em Malabo, é representativa desse topos discursivo. Ali, o excesso de hibridismo é assinalado pela referência ao pichi como mistura (“mezcolanza”), com suas conotações de desordem e estranheza, em oposição a mistura (“mezcla”):

Trecho 3.

“En Malabo (llevo ya semana y media en la escuela El Buen Pastor) el ritmo es otro, en una ciudad de ritmo africano (en todos los sentidos) y mezcla de bubis, fang, kombes, criollos y con el pidgin (esa mezcolanza de inglés con español y lenguas locales) como lengua tan común como el castellano.”¹⁹ (http://cronicasguineanas.blogspot.hk/2012_09_01_archive.html)

Observadores europeus parecem achar o hibridismo do pichi particularmente desconcertante, uma vez que este aspecto do caráter construído do pichi vai profundamente contra as preferências ideológicas pela homogeneidade étnica e linguística herdada do Estado-Nação europeu a partir do século XIX .

Na realidade, o léxico do pichi é esmagadoramente derivado do inglês e, provavelmente, não é mais misturado do que o espanhol com seu substancial léxico derivado do árabe (cerca de 8% do léxico atual, de acordo com Quintana & Mora 2003).

O que parece ser problemático, no entanto, é a combinação desconhecida de um léxico familiar (isto é, palavras em inglês) com uma estrutura gramatical desconhecida. A desmontagem e a autoiniciativa de reconstrução de uma língua europeia por “súditos coloniais” são ameaçadores, pois o agenciamento e a evidente autodeterminação linguística deste processo implicitamente retiram línguas como o pichi do controle normativo hegemônico europeu. O discurso do hibridismo também engloba noções sobre a suposta ausência de estrutura sistemática, com entendimento explícito ou implícito de que o pichi tem pouca ou nenhuma norma gramatical. Esta visão é apropriadamente resumida pelo próximo trecho de um grupo de notícias em espanhol frequentado por falantes de espanhol ibérico e latino-americano:

Trecho 4.

“El pichinglis es una jerga dialectal guineana del inglés que incorpora palabras de las lenguas locales. Es una lengua franca de gramática muy rudimentaria y escaso vocabulario, que se parece a la manera de hablar de los jefes indios en las películas del Oeste.”²⁰ (<http://soc.culture.argentina.narkive.com/sNNPCFib/el-nuevo-reino-de-leon.4>)

Trechos como o acima citado mostram que os discursos sobre a inferioridade das línguas

18 “A língua oficial da Guiné [Equatorial] é o espanhol, a Guiné [Equatorial] foi uma colônia espanhola, e eles também falam seu dialeto “pidgin” além do espanhol, mas também 5 ou 6 outros dialetos.”

19 “Em Malabo (Estive na escola El Buen Pastor por uma semana e meia) o ritmo é diferente, em uma cidade de ritmo africano (em todos os sentidos) e uma mistura de BUBIS, FANGS, KOMBES, CRIULOS e com PIDGIN (aquela mistura de inglês, espanhol e línguas locais) sendo tão comum quanto o castelhano.”

20 “O Pichinglis é um dialeto do inglês que incorpora palavras de línguas locais. É uma língua com uma gramática muito rudimentar e vocabulário escasso que se assemelha ao jeito de falar de chefes indígenas de filmes de faroeste.”

crioulas (e outras línguas e variedades que surgiram no contexto da colonização europeia) estão frequentemente ancorados em discursos racistas e elitistas sobre a aplicação e imposição das normas linguísticas definidas unicamente por essas mesmas elites²¹.

Um último *topos* do discurso sobre o Pichi é a visão de que a língua não tem uma comunidade substancial de falantes nativos, e, portanto só ou predominantemente serve como uma língua franca. Consequentemente, seus usos são vistos como sendo principalmente pragmático, isto é, facilitando a comunicação entre equatoguineanos sem outra língua comum, ou como um *xenolect*, uma variedade de fala para comunicação com “estrangeiros” do oeste africano (que são implícita e erradamente assumidos como incapazes de se comunicar em espanhol ou em línguas africanas da Guiné Equatorial). Neste sentido, a descrição, a seguir, da situação linguística na Guiné Equatorial se refere ao uso do pichi somente no contexto dos negócios. Ainda assim, há uma forte redução discursiva, uma vez que esta função do pichi aparece limitada ao “pequeno comércio” e, por implicação, não inclui os grandes negócios propriamente ditos.

Trecho 5.

“Much petty commerce is conducted in pidgin English (Pichinglis)”²².

(http://www.encyclopedia.com/topic/Equatorial_Guinea.aspx)

O discurso sobre o uso exclusivamente prático do pichi contesta a legitimidade do pichi como uma língua de uma comunidade, um povo, uma sociedade, uma língua de uma cultura na qual normas e valores sociais são transmitidos. O trecho a seguir vai além disso, e constrói a ideia que o pichi não é uma língua indígena de Bioko, pois teria tido como função *primordial* servir como um *xenolect* ao invés de servir como uma língua comunitária dos próprios guinequatorianos:

Trecho 6.

“Además, se utiliza el “pidgin English” o inglés africanizado en Bioko, que era utilizado activamente cuando la isla contrataba trabajadores nigerianos.”²³

(<http://www.afrol.com/es/especiales/13276>)

Parte do discurso sobre o pichi como uma “língua de ninguém” gira em torno da suposta ameaça que dele emana para a manutenção dos “próprios padrões” do espanhol (ibérico) no país. O imaginário por detrás desse argumento é o de uma “influência corruptora” do pichi, devido exatamente àquelas visões delineadas acima, ou seja, de uma língua percebida como anárquica, sem forma e de caráter puramente pragmático:

Trecho 7.

“Asimismo, el español ha encontrado en el pidgin-english un enemigo como lengua interétnica. Ante este panorama, en principio, tan desolador, la labor de instituciones tales

21 O mesmo autor do trecho acima continua: “Es en efecto una lengua pueril o gaga, que no permite la fina arista del razonamiento. Es una lengua sin luz ni temperatura, sin evidencia y sin calor de alma, una lengua triste que avanza a tientas. Es un insulso pidgin de esclavos, al que quereis exportar al mundo hispano como si fuera el no va más del vanguardismo.” [“Essa é, na verdade, uma língua jovem que não permite bom raciocínio. É uma língua sem luz ou temperatura, sem certeza e sem o calor da alma, uma língua que avança por tentativa e erro. É um pidgin de escravos, que vocês querem exportar para o mundo espanhol como se fosse uma vanguarda.”]

22 Muito do pequeno comércio é realizado em inglês pidgin (pichinglis).

23 “Além disso, o “inglês pidgin”, ou inglês africanizado é usado em Bioko, o qual foi usado ativamente quando a ilha contratou trabalhadores nigerianos.”

como la UNED, la UNGE (Universidad Nacional de Guinea Ecuatorial) o el Centro Cultural Español es vital, a la espera de la implantación del Instituto Cervantes en el territorio”²⁴.

(<http://www.divagacionesbabelicas.eu/2010/12/guinea-ecuatorial-en-el-contexto.html>)

Uma tese de doutorado sobre o espanhol equatoguineano realizada por um estudioso também equatoguineano reitera a visão de que o pichi representa uma ameaça à “pureza” do espanhol na Guiné Equatorial, mesmo admitindo que o pichi possa ser a fonte de neologismos espanhóis.

Trecho 8.

“El pichinglis especialmente representa una potente amenaza para la pureza de la lengua española, al mismo tiempo que es un gran suministrador de neologismos, lo cual contribuye al enriquecimiento del léxico español local y global”²⁵ (DJO TIOGANG 2007: 337).

Estas visões com seus paternalismos e persistente perspectiva colonial tendem a ser reproduzidas mais frequentemente pelos observadores com uma posição externa, que empregam uma linguagem depreciativa ligada a tradições discursivas colonialmente inspiradas sobre a África²⁶. As atitudes e ideologias dos próprios falantes do pichi sobre a situação, função e características linguísticas de sua língua falam por si mesmas, embora tendam a ser mais modalizadas que as apresentadas acima.

Se atitudes internas sobre o pichi frequentemente refletem avaliações mais positivas sobre o seu papel, elas não estão livres da perspectiva colonial herdada e frequentemente mostram uma combinação entre autodepreciação e afirmação positiva, fato típico da qualificação pós-colonial das línguas na África²⁷. A ambivalência resultante sobre o valor das línguas africanas é evidente na citação a seguir, recorte da avaliação de uma de minhas consultoras sobre o pichi. Primeiro, ela expressa a opinião de que as crianças do continente (Río Muni), diferente daquelas em sua comunidade bubi, são criadas primeiramente em sua língua materna, o fang (em vez do espanhol). Ela então continua explicando a vantagem percebida em criar uma criança em espanhol durante seus primeiros anos, em vez de usar sua língua mãe, como praticado pelas famílias Bubi em Malabo²⁸.

Trecho 9.

“Bàtà pìkin, yù no fit si dis ech we è no dè tøk yu Bàta. Dèn dè lan dèn langwèch fòs. So we yù dòn lan yù langwèch èn, è dòn had fò mek yù lan Pànya. Dì langwech, è de importante, pero lan dì pìkin we dì pìkin dòn sàbi dì Pànya”²⁹(Mulher de 50 anos).

24 Além disso, o espanhol encontrou no inglês pidgin um inimigo como uma língua interétnica. Perante esta situação, a qual é tão angustiante, é vital o forte trabalho de instituições como UNED [Universidade Nacional de Educação a Distância da Espanha] e UNGE (Universidade Nacional da Guiné Equatorial) ou o Centro Cultural Espanhol, enquanto o Instituto Cervantes ainda não estiver estabelecido no território [ou seja, na Guiné Equatorial].”

25 O pichinglis em particular, representa uma séria ameaça à pureza da língua espanhola, enquanto que ao mesmo tempo é um importante provedor de neologismos e assim contribui ao enriquecimento do léxico espanhol local e globalmente.”

26 Cf. e.g. MUDIMBE 1988, para uma análise desta questão.

27 Cf. ZELEZA, 2006, para uma visão recente desta questão.

28 O pichi é uma língua tonal e os tons se representam como segue na ortografia: sílabas com um tom baixo têm um acento grave. Sílabas não encaixadas nessa regra de notação sempre têm um tom alto e permanecem sem marcação (por exemplo, **yù** [jù] ‘tu/você’, **luk** [lúk] ‘olhar’; **mòto** [mòtó] ‘carro’).

29 “Como para as crianças do Río Muni, você não encontrará um desta idade [como seu filho de 6 anos], que não fale Fang. Eles aprendem sua língua materna primeiro. Então quando você tiver aprendido sua língua direito, será difícil para você aprender o espanhol. A língua materna é importante, mas ensiná-la à criança quando já sabe

Na Guiné Equatorial, onde a educação é exclusivamente feita em espanhol, e onde o prestígio social e o sucesso econômico na vida de uma pessoa está intimamente ligado ao domínio do espanhol falado e escrito, a visão expressa por essa falante é essencialmente racional. Ao mesmo tempo, a preferência pelo espanhol, expressa no trecho, aponta para o potencial de alienação que os equatoguineanos podem viver pela (auto) imposição da língua colonial cujas normas são reproduzidas externamente e permanecem fora de seu controle.

Esse fato levanta a questão de como a perspectiva interna em relação ao pichi difere da perspectiva externa representada pelos trechos 5 – 7. Para uma, eu poderia salientar que o pichi tem funcionado como uma língua de civilização urbana e cultural por aproximadamente dois séculos, ou seja, servindo como língua comunitária para os fernandinos, a população crioula de Malabo³⁰. Esta circunstância frequentemente é negligenciada, talvez porque a comunidade fernandina tenha numericamente declinado em função de casamentos com outras comunidades, do exílio e da migração rural-urbana para Malabo. O trecho 9 também aponta, indiretamente, para outro aspecto da função do pichi na sociedade da Guiné Equatorial. Ele mostra a predisposição dos malabenhos de origem bubi em optar por outras línguas além do bubi para se comunicar com seus filhos. Esse é um indicativo de um crescente deslocamento da língua bubi. Na verdade, o pichi parece ter se tornado a língua mais amplamente falada dentro da comunidade bubi nas aglomerações urbanas de Malabo e Luba. Como resultado, “nuevos criollos”³¹ extraídos do bubi agora constituem a maioria de falantes nativos do pichi.

Na citação a seguir, um colaborador guinequatoriano em um fórum virtual, que se identifica como fang, aponta esta realidade amplamente negligenciada sobre o pichi, fato que coincide com minhas observações em Bioko:³²

Trecho 10.

Todos los bubis no hablan el mismo dialecto. La lengua que une a la mayoría de los bubis es el pichinglis y si me equivoco que me demuestren lo contrario. Tengo amigos bubis con los que he compartido muchas cosas pero ellos hablan o el español o el pichinglis.³³(<http://es.groups.yahoo.com/group/guinea/message/53882>)

Apesar do importante e crescente papel do pichi como língua materna para as pessoas em Bioko, ainda permanece a ambivalência sobre seu valor. O baixo apreço em que o pichi é tido por alguns pode ser traduzido em padrões específicos de uso, como mostrado no trecho a seguir:

Trecho 11.

“Bòt yù no, fò wì ya so nà Malabo, bòku fambul dè tók se mek pikin no tok Pichi nà hos mǝ, bikòs Pichi nǝtò betà tók. So màma no want hia Pichì nà hos mǝ. Onlì dèn want hià Pànya”³⁴

o espanhol.”

30 MORGADES BESSARI, 2011.

31 “Novos crioulos”, cf. MORGADES BESSARI, 2004.

32 Por exemplo, ao ser perguntado se ele falava o bubi, um de meus interlocutores, que se identificou como bubi, respondeu secamente: mi no dè tok dan tin ‘Quanto a mim, eu não falo isso [ou seja, essa língua]’; note o distanciamento metafórico da língua bubi na expressão “isso”.

33 Nem todos os bubi falam o mesmo dialeto. A língua que une a maioria dos bubi é o pichi, prova o contrário se eu estiver enganado. “Eu tenho amigos bubi com os quais eu compartilhei muitas experiências, e eles falam tanto espanhol quanto pichi.”

34 “Mas você sabe, conosco aqui em Malabo, muitos membros de famílias dizem que as crianças não deveriam mais falar pichi, por que o pichi não é bom linguajar. Então, a mãe não quer mais ouvir o pichi em casa. Eles [os pais] somente querem ouvir o espanhol.”

(Homem, com aproximadamente 30 anos).

As interdições do uso do pichi em casa pelos pais são, em minha experiência, uma característica de famílias de classe média. O trecho acima também é produzido por uma pessoa que se identifica como fang. Os dois grupos – classe média e membros de comunidades linguísticas, exceto bubi e fernandino - têm interesse relativamente baixo pelo pichi, e podem produzir atitudes majoritariamente negativas sobre esta língua. Não obstante, até para estes falantes, quando crescem em Malabo, a atração do pichi como um veículo de autoidentificação, afirmação positiva e comunhão fora de casa e da sala de aula parece ser irresistível. Uma inversão decisiva sobre essa apreciação negativa do pichi parece ser construída através de intervenção institucional:

Trecho 12.

Naw à dè tɛl yù se we wì bìn dè ple bɔl we wì smɔl, nà soso Pichì we wì dè tɔk. Soso Pichì naw we wì dè tɔk. Wì get sɔn kɔmpìn dèn bìn blant nà Pànya naw, lèk haw dèn kòmɔt vacacion, we dèn dè kan so, wì dè ple bɔl, nà soso Pichì wì dè tɔk. Bòt we yù dɔn dè gro, go skul bòku tal, se no, Pichì no fayn”³⁵ (Homem, com aproximadamente 30 anos).

Dessa maneira, o pichi não somente se constitui em um veículo importante de autoidentificação para os malabenses. Muitos outros falantes também têm um senso apurado sobre o seu valor como uma língua internacional. Este ponto de vista não poderia ser melhor resumido do que nas palavras de um falante, reproduzidas no trecho a seguir, que contrariam visões negativas sobre o pichi (incluindo sua classificação como “dialeto” em vez de língua) manifestadas por seus parentes em Río Muni, chamando atenção para o alcance global dessa língua:

Trecho 13.

“Mi get dan problema wit bɔy dèn we dèn kòmɔt Bàta nɔ, se ‘no Pichì es un dialecto’. À kìn tɛl dèn se Pichì fit bad, à se bàt dī tin we dè mek mek tu zpipùl dèn kòmɔt difrèn say, dèn dè òndàs-tan è no fit bi bad tin. À tɛl dèn se fɔ go naw naw nà Camerún, à rich, à gò blant, à gò tɔk mebi French, à gò tɔk Pichì. À go Nigeria, tɔk Pichì, dèn gò hia, à go Ghana, à go Sierra Leone, Pichì. Yù dè go, yù dè mek àn ples báy ples dèn de tɔk àn. Nà Trinidad sɛf no? Trinidad àn Tobago, dèn dè tɔk Pichì sɛf”³⁶ (Homem, em seus 20 anos).

Outra falante salienta o caráter igualitário do pichi. Para ela, existe uma ligação direta entre o conhecimento de espanhol e a educação escolar formal. Em contraste, o pichi pode ser dominado sem a educação formal, inclusive por trabalhadores que vivem no bairro de classe operária Nyumbili (Campo Yaoundé), em Malabo:

Trecho 14.

“Yù no se bòku pipùl dèn no go skul. Dèn no kan get wan formación. Dì onli langwèch we dèn dè tɔk fayn fayn nà Pichì, bikòs fɔ tɔk Pànya, nà fɔ go skul. Bòt we yù no go skul yù fɔ tɔk sòn tin. Fɔ tɔk Pichì yù no nid fɔ go skul. Nà kwatà yù dè tɔk Pichì. So bòku pipùl fɔ Nyumbili, Nyumbili nà dī kwatà we po pipùl dèn blant fɔ fɛn layf. Wan smɔl rum wit chapa dan

35 “Agora eu vou contar a vocês, quando nós jogávamos futebol quando éramos pequenos, nós falávamos somente em pichi. Somente o pichi que nós falávamos. Nós tivemos alguns amigos que moraram na Espanha, assim que eles voltaram de férias, nós jogávamos futebol, e era somente em pichi. Mas quando você está no processo de crescimento, vai para escola e tudo aquilo, é como se o pichi não é bom.”

36 “Eu tenho aquele problema com gente do Río Muni, que vem com ‘o pichi é um dialeto’. Normalmente, eu conto a eles que o pichi pode ser ruim, mas algo que faz duas pessoas que vêm de locais diferentes se entenderem não pode ser algo ruim. Eu digo a eles que se eu tivesse que ir para Camarões agora, eu chego, fico, eu poderia talvez falar francês, ou eu poderia falar pichi. Se eu vou para Nigeria, e falar pichi, eles entenderão, se vou para Gana, se vou para Serra Leoa, é o pichi. Se você vai de lugar a lugar, ele é falado lá. Até em Trinidad, certo? Trinidad and Tobago, eles também falam pichi lá.”

tin”³⁷(Mulher, com seus 40 anos).

Além disso, a visão de que o pichi não possui gramática fixa e é um idioma “quebrado” não é compartilhada pela maioria dos falantes da língua. Pelo contrário, os falantes do pichi apontam para a existência de normas estáveis que constituem o discurso correto. Igualmente, falantes competentes estão cientes do que itens ou expressões lexicais particulares pertencem a diferentes registros ou variedades do pichi, mesmo se as normas que governam a variação tendem a ser mais flexíveis do que aquelas impostas aos falantes de uma língua normalizada e ortografada como o espanhol. Meus entrevistados apontaram a diferença entre um registro mais e outro menos tradicional, o primeiro sendo normalmente usado por pessoas mais velhas.

Por exemplo, uma saudação, bastante formal, dirigida a pessoas envolvidas em trabalho físico, envolve a expressão *kusé*. O jovem falante, no primeiro excerto a seguir, tem dificuldade em lembrar da expressão, uma vez que ela pertence a um uso bastante tradicional:

Trecho 15.

A: “Wetin yù gò tók èf yù wònt sàlut wòkman dèn, se yù dè pas nià dèn?”

B: “È get wan tròn stayl fò tók àn. À fògét àn. À kìn hiè mì pàpa we è kìn tók dan tók. Àha, dèn dè tók se ‘*kusé* o’, ‘*una kusé* o’”³⁸ (Homem, em seus 20 anos).

Em contraste, um registro mais informal é largamente usado entre jovens. O próximo falante explica a existência de gírias em pichi, umas dessas é *reme*. O termo *reme*, “mãe” em última análise, tem sua origem na linguagem jovem francesa “verlan”, e presumidamente entrou no pichi via pidgin camaronês ou camfranglais (o linguajar da juventude urbana camaronesa que mistura o francês e Cameroon Pidgin). O falante tem conhecimento disto, como notamos por sua referência ao ícone musical de Camarões, *Lapiro de Mbanga*:

Trecho 16.

“*Reme*’ nà dan stayl fò Pichì we à bìn tel yù se dan stayl fò Nyumbili. Sòn Pichì de fò sòn man we dè sing, dèn dè kòl àn *Lapiro*. Yù hia dan man in Pichì, nà wan stayl fò Pichì fò wan barrio fò Camerún.”³⁹ (Falante do sexo masculino em seus 20 anos passados)

Da mesma forma, uma clara distinção entre o pichi e o inglês é feita pelos falantes. O termo “inglês” frequentemente é usado em sentidos amplos por falantes do pichi, como também pode caracterizar traços do inglês encontrados no Nigerian Pidgin (pidgin nigeriano), Cameroon Pidgin (pidgin camaronês) ou Ghanaian Pidgin English (inglês pidgin ganês). Assim é porque o pichi é mais independente em sua gramática, fonologia e léxico que outros crioulos de base lexical inglesa da África Ocidental⁴⁰. Segue um exemplo dessa diferença feita entre pichi, inglês e outras variedades de AEC. O trecho a seguir cria um breve confronto entre os falantes

37 “Você sabe que muitas pessoas não frequentaram a escola. Eles não receberam nenhum ensino profissional. A única língua que eles realmente falam bem é o pichi, porque para falar espanhol, é necessário ir à escola. Mas quando você não esteve na escola, você tem que falar alguma coisa. E querendo falar pichi, você não precisa ir à escola. Em seu bairro, você fala pichi. Então, muitas pessoas em Nyumbili [falam pichi]. Nyumbili é o bairro onde pessoas pobres vivem tentando ganhar a vida. Um pequeno cômodo com telhado de zinco, esse tipo de coisa.”

38 A: “O que você diz quando você quer cumprimentar trabalhadores, como quando você está passando por eles [na rua]?” B: “Existe uma forma especial de fazer isso. Eu a esqueci. Normalmente, eu ouço meu pai se servir dessa expressão. Aha, uma que diz *kusé* o, *kusé* para você”.

39 “*Reme*’ está naquele tipo de pichi que eu te disse, aquele tipo do [o bairro chamado] Nyumbili. Tem o pichi dum homem que canta, ele é chamado de Lapiro. Se você ouvir o pichi deste homem, é um estilo particular de pichi de uma área em Camarões.”

40 Cf. YAKPO, 2013b, para detalhes.

A e B sobre o uso da palavra *àn* “e” como um coordenador de oração durante uma entrevista que fiz com eles. Enquanto o A insistiu que *àn* é uma palavra do pichi, o B dá sua alternativa de expressão de coordenação de oração por meio do elemento multifuncional *we*. Este é um exemplo ilustrativo para os múltiplos registros que existem no pichi. De fato, ambos *àn* e *we* são encontrados em meu corpus de pichi, no entanto, *àn* apenas raramente é usado por jovens falantes de pichi, os quais constituem a maior parte da população falante atual. Igualmente o uso de *àn* é mais característico do discurso de falantes de Nigerian Pidgin (pidgin nigeriano):

Trecho 17.

A: “È nak dì tebùl àn dì stayl we è nak dì tebùl stròn, è kan syek dì plet, àn dì plet kan brok.”

B: “No tøk Inglis, no tøk Inglis!”

A: “À dè tøk Pichì nɔ?”

B: “No. “àn”, dan “àn” nà inglés.”

A: “We yù dè tøk Pichì nà Malabo, yù no dè se ‘àn’?”

B: “No, we è nak dì plet we è nak òntòp dì tebùl, dì plet, è heks, sòn pat fò dì plet brok.”⁴¹

(A: falante do sexo masculino com seus 30 anos passados; B: falante do sexo feminino em seus 20 anos passados)

Temos visto que o pichi existe em um espaço contestado. De um lado, assistimos a continuação de discursos coloniais e paternalistas sobre o pichi, que conspiram para criar, de várias formas, uma imagem de deficiência da língua. Estes discursos são mais característicos de observadores não-equatoguineanos. Uma possível razão para isso pode ser a quantidade ainda relativamente pequena de escritos sobre a Guiné Equatorial produzidos pelos próprios equatoguineanos. No entanto, é também claro que este discurso, com suas construções paternalistas explícitas ou implícitas, e às vezes, racistas, segue modos ocidentais estabelecidos de falar e escrever sobre os africanos. O discurso negativamente carregado sobre o pichi, produzido pelos próprios equatoguineanos, geralmente é atenuado e reflete um equilíbrio entre a visão colonial recebida sobre a língua, a desvalorização do pichi implícita em sua total ausência no domínio *institucional*, e sua vivacidade como língua materna, uma língua de transmissão cultural e autoidentificação da população de Malabo e Bioko.

A tensão ideológica deste estado de ações é compartilhada, em muitos aspectos, com outras sociedades caracterizadas pela existência de línguas crioulas com raízes no colonialismo europeu e na escravidão⁴². O próximo trecho, retirado do maior jornal diário jamaicano, “The Gleaner”, mostra que os *topoi* discursivos identificados anteriormente para o pichi, guardam muitas similaridades com o *status* e papel do crioulo jamaicano (referido como “patois” por muito de seus falantes), uma das línguas irmãs do pichi, na Jamaica, Caribe:

Trecho 18.

“We need to declare once and for all that the Patois is one of our languages. Now, don’t

41 A: “Ela bateu na mesa e do jeito que ele bateu na mesa de uma forma forte, ela acabou balançando o prato, e o prato quebrou.” B: “Não fale inglês, não fale inglês!” A: “Eu não estou falando pichi?” B: “Não ‘àn’, este ‘àn’ é inglês.” A: “Quando você fala pichi em Malabo, não diz ‘àn’?” B: Não, quando ela bateu no prato e bateu na superfície da mesa, o prato voltou e uma parte quebrou.”

42 Cf. DEVONISH, 2010.

get me wrong, I am in total support of what he minister of education said, every Jamaican ought to be able to speak the English language. My problem is that there is still ingrained in many of our people the fact that when you speak Patois , it makes you an inferior human being"⁴³ (Lloyd B. Smith, Deputy Speaker of the Parliament of Jamaica). (<http://jamaica-gleaner.com/gleaner/20120727/news/news4.html>)

Não obstante haja similaridades entre a Jamaica e a Guiné Equatorial sobre essa questão, há também diferenças fundamentais. Uma é que o crioulo jamaicano pode contar com o apoio e a lealdade de uma importante parcela da elite jamaicana, como se mostra na fonte do trecho 18. Essa língua tem também desfrutado de uma contínua elevação de seu *status* devido ao forte impacto, na cultura global, da música popular jamaicana, cujos protagonistas usam quase exclusivamente o crioulo jamaicano em sua arte.

Outra diferença entre as situações jamaicana e equatoguineana é o relativo isolamento intelectual da Guiné Equatorial decorrente de sua dependência intelectual e linguística da Espanha e da língua espanhola. Discussões públicas sobre ideologias e políticas linguísticas em países como a Jamaica e a Nigéria podem recorrer a um grande e crescente número de africanos e afrodescendentes que, na cultura popular e no discurso acadêmico, contesta a hegemonia euroamericana. Essas discussões são canalizadas predominantemente em inglês para uma audiência global, e contornam desse modo, a Guiné Equatorial.

5. Conclusões e perspectivas

A análise sobre as ideologias linguísticas relacionadas ao pichi revela uma tensão entre representações negativas e positivas da língua. Alguns dos discursos sobre o pichi seguem os passos das tradições coloniais e explicitamente representam a língua como intrinsecamente inferior e indigna do *status* de uma língua verdadeira. Outros discursos são mais sutis em suas representações negativas do pichi. Eles giram em torno de crenças de que o pichi não está ligado a uma comunidade de falantes nativos e, portanto, não pode ser classificado totalmente como uma entidade cultural. Nesse sentido, o discurso sobre a inferioridade é transferido da estrutura linguística em si para as funções sociais do pichi. Outro tema no discurso sobre o pichi é o hibridismo. A natureza misturada do pichi, com seu léxico derivado do inglês, e portanto familiar ao lado de sua gramática não familiar, é desconcertante com seu potencial para subverter a dominância social das línguas coloniais europeias.

Os falantes nativos de pichi tendem a expressar visões mais equilibradas sobre a necessidade de conciliar suas funções como língua comunitária e veículo de autoexpressão, com a persistência de avaliações negativas da sociedade equatoguineana. Nesse contexto, estabeleci que os falantes do pichi expressam claras ideias sobre as normas gramaticais e uma consciência sobre os diferentes estilos e registros que a língua possui. Contudo, concluo que as ideologias linguísticas acerca do pichi, em grande parte, produzem valorizações negativas da língua e contribuem para negligenciar as oportunidades de elevar o *status* e ampliar o uso do Pichi na Guiné Equatorial. A valorização negativa do pichi também contribui para sua ausência em funções que se encontram fora do alcance imediato da regulação pública, por exemplo, na música popular ou nas práticas religiosas.

Argumentei que em todos os aspectos, a realidade linguística do pichi diverge das representações ideológicas. Não é demais salientar que o pichi é, claramente, um sistema linguístico

43 Nós precisamos declarar uma vez por todas que o patois é uma das nossas línguas. Agora, não me levem a mal, eu estou em total acordo com o que o ministro da educação disse, que cada jamaicano deveria falar o inglês. Meu problema é que ainda existe enraizado em muitas pessoas do nosso povo o fato que quando você fala patois, isso o torna um ser humano inferior".

igualmente rico e complexo como qualquer outro⁴⁴. Igualmente procurei mostrar que o pichi pertence a uma grande família linguística, a dos crioulos de base lexical inglesa (Afro-Caribbean English-lexifier Creoles), que se estende da África Ocidental até as Américas. O pichi não somente está firmemente implantado na Guiné Equatorial por cerca de dois séculos, como o está por mais tempo que o espanhol. Ele tem continuamente se tornado a língua materna de muitos, aparecendo, depois da língua fang, como a segunda língua local mais amplamente falada da Guiné Equatorial.

Considerando esse quadro, há duas possibilidades de evolução para o pichi. Um cenário possível é que uma ampla gama de atores sociais e o governo equatoguineano tomem consciência de que o fato de não incluir as línguas africanas no currículo educacional e não lhes proporcionar um papel na esfera pública contribuirá para o fracasso dos programas de educação em massa, tal como tem sido extensivamente documentado por outros países africanos que adotam uma política de uso exclusivo das línguas coloniais.

Em tal cenário, as duas línguas nacionais e internacionais mais faladas da Guiné Equatorial, o pichi e o fang, poderiam receber atenção particular através de um planejamento linguístico. Ao mesmo tempo, uma abordagem pragmática também poderia prever uma ampliação do *status* e das funções do inglês, substituindo o francês e o português com seus valores práticos reduzidos no “mercado” linguístico da Guiné Equatorial.⁴⁵ Uma política linguística pragmática poderia também incluir a promoção do chinês na Guiné Equatorial em resposta ao importante crescimento das relações econômicas com a China, um país cuja presença na Guiné Equatorial e região tende a um crescimento exponencial num futuro próximo⁴⁶.

Um segundo cenário, no entanto, se mostra mais realista. As experiências de outras nações africanas sugerem que é mais provável que a Guiné Equatorial continue em sua trajetória de privilegiar línguas europeias nas funções públicas e institucionais. Na maioria dos países africanos, a perspectiva de uma mudança nas políticas linguísticas existentes se confrontou com firme oposição da elite intelectual e política do país. Portanto, é mais provável que o pichi continue expandindo sua função social informalmente, conquistando gradualmente novos domínios de uso, como no caso dos outros crioulos e pidjins nos vizinhos países Camarões, Nigéria e Gana.

44 Cf. YAKPO, 2009. Para uma description extensiva do pichi, cf. também YAKPO, 2010.

45 Uma tal abordagem se alinharia com as tendências internacionais. Por exemplo, os estados membros do CE-AAC Moçambique e Ruanda se acomodaram com a ascensão do inglês declarando-o como língua cooficial depois do francês e do português, respectivamente (para Rwanda, cf. Steflja 2012). A recente declaração pela presidência do Gabão sobre considerar se o Gabão poderia introduzir o inglês “comme langue de travail dans un premier temps, puis plus tard, voir comment l’anglais peut devenir une seconde langue” [como uma língua de trabalho primeiramente, e posteriormente, avaliar como o inglês poderia se tornar uma segunda língua (oficial)]. Declarações como essa parecem apontar para um aumento da disposição pela elite política africana, mesmo em redutos francófonos como o Gabão, para reconhecer o incontrolável crescimento do inglês e correspondente declínio do francês como uma língua internacional (<http://www.rfi.fr/afrique/20121002-gabon-veut-mettre-anglais-ali-bongo-ondimba-commonwealth-francophonie-rwanda-rdc>).

46 JACQUES, 2012: 413 ff..

Referências Bibliográficas

- BALDAUF, Richard B & Robert B. KAPLAN. 2007. *Language planning and policy in Africa*, Vol. 2. Clevedon: Multilingual Matters.
- BAMGBOSE, Ayo. 2000. *Language and exclusion: the consequences of language policies in Africa*. Münster: Lit Verlag Global.
- BERRY, Jack. 1970. A Note on the Prosodic Structure of Krio. *International Journal of American Linguistics* 36(4). 266–267.
- BOLEKIA Boleká, Justo. 2008. *Lingüística bantú a través del bubi*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- BROCK-UTNE, Birgit. 2001. Education for all - in whose language? *Oxford Review of Education* 27(1). 115–134.
- CARLIN, Eithne B & Jacques ARENDS (eds.). 2002. *Atlas of the languages of Suriname*. (Caribbean Series). Leiden: KITLV Press.
- DEVONISH, Hubert. 2010. The Language Heritage of the Caribbean: Linguistic Genocide and Resistance. *Glossa* 5(1). 1–26.
- DEVONISH, Hubert & Dahila Thompson. 2010. *A concise grammar of Guyanese Creole (Creolese)*. München: Lincom Europa.
- FINNEY, Malcolm Awadajin. 2011. Krio (Sierra Leone Creole). In Bernd Kortmann & Kerstin Lunkenheimer (eds.), *Electronic world atlas of varieties of English*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. <http://www.ewave-atlas.org/>.
- FYFE, Christopher. 1962. *A history of Sierra Leone*. Oxford: Oxford University Press.
- HANCOCK, Ian F. 1986. The domestic hypothesis, diffusion and componentiality: an account of Atlantic Anglophone creole origins. In Pieter Muysken & Norval Smith (eds.), *Substrata versus universals in creole genesis*, 71–102. Amsterdam: John Benjamins Publ.
- HANCOCK, Ian F. 1987. A preliminary classification of Anglophone Atlantic creoles, with syntactic data from thirty-three representative dialects. In Glenn G Gilbert (ed.), *Pidgin and creole languages: essays in memory of John Reinecke*, 264–333. Honolulu: Univ. of Hawai'i Press.
- HEUGH, Kathleen. 1999. Languages, development and reconstructing education in South Africa. *EDEV International Journal of Educational Development* 19(4). 301–313.
- HOLM, John A. 1988. *Pidgins and creoles*. Cambridge; New York: Cambridge University Press.
- HOMBERT, Jean-Marie. 1991. Quelques criteres de classification des parlers fang. *Pholia* 6. 145–153.
- HUBER, Magnus. 2012. Ghanaian Pidgin. In Susanne Michaelis, Philippe Maurer, Martin Has-

- pelmath & Magnus Huber (eds.), *The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures (APiCS)*. Oxford University Press.
- IHEMERE, Kelechukwu Uchechukwu. 2006. A basic description and analytic treatment of noun clauses in Nigerian Pidgin. *Nordic journal of African studies* 15(3). 296–313.
- IRVINE, Judith T. 1989. Strategies of status manipulation in Wolof greetings. In Richard Bauman & Joel Sherzer (eds.), *Explorations in the ethnography of speaking*, 167–191. Cambridge; New York: Cambridge University Press. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511611810> (29 May, 2013).
- JACQUES, Martin. 2012. *When China rules the world: the end of the Western world and the birth of a new global order*. 2nd ed. London: Penguin.
- JUANOLA, Joaquín. 1898. *Gramática de la lengua bubí*. Santa Isabel: s.n.
- KROSKRITY, Paul V. 2004. Language ideologies. In Alessandro Duranti (ed.), *A companion to linguistic anthropology*, 496–517. Malden, MA: Blackwell Pub.
- LEWIS, M. Paul, Gary F. Simons & Fennig (eds.). 2013. *Ethnologue: Languages of the world*. Dallas, Texas: SIL International. www.ethnologue.com (30 May, 2013).
- LIPSKI, John M. 1992. Pidgin English Usage in Equatorial Guinea (Fernando Poo). *English World-Wide English World-Wide* 13(1). 33–57.
- LIPSKI, John M. 2002. The Spanish of Equatorial Guinea: research on la hispanidad's best-kept secret. *Afro-Hispanic Review* 21(1/2). 70–97. (1 June, 2013).
- MIGGE, Bettina. 2009. Surinam. In Xavier Albó (ed.), *Atlas sociolingüístico de pueblos indígenas en América Latina*, 395–408. Cochabamba, Bolivia: FUNPROEIB Andes, UNICEF.
- MIGGE, Bettina & Isabelle LÉGLISE. 2012. Exploring Language in a *Multilingual Context: Variation, Interaction and Ideology in Language Documentation*. Cambridge: Cambridge University Press. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511979002> (28 May, 2013).
- MORGADES BESSARI, Trinidad. 2004. *El español en Guinea Ecuatorial*. Rosario, Argentina: Instituto Cervantes.
- MORGADES BESSARI, Trinidad. 2011. Los criollos (Fernandinos-Kriös) de Guinea Ecuatorial. *La Gaceta de Guinea Equatorial*. Malabo, Equatorial Guinea, No. 162 edition, sec. Misceláneas. <http://www.lagacetadeguinea.com/162/19.htm> (30 May, 2013).
- MUDIMBE, V. Y. 1988. *The invention of Africa: gnosis, philosophy, and the order of knowledge*. Bloomington: Indiana University Press.
- MUTHWII, Margaret Jepkirui & Angelina Nduku KIOKO (eds.). 2004. *New language bearings in Africa: a fresh quest*. Buffalo, N.Y.: Multilingual Matters.
- MWINSHEIKHE, Halima Mohammed. 2002. *Education in Africa. using Kiswahili as a medium of instruction in Tanzania secondary schools as a strategy of improving student participation and performance in science Vol. 10, Vol. 10,*. Oslo: Universitetet i Oslo.
- NKENDA, Robert, Edouard AKO, Bertrand TAMOKWE, Chantal NZOUÉSSIN, Moussa NJOUPOU-

OGNIGNI, Estelle MELINGUI & Alain AZEUFOUET. 2011. Cameroun: Le commerce transfrontalier informel des produits agricoles et horticoles. *Économie rurale*(324). 34–49. doi:10.4000/economierurale.3083 (28 May, 2013).

OLO FERNANDES, Lucas. 2012. Apropiación de la educación en Guinea Ecuatorial y Lenguas Nacionales. Manuscript. Barcelona, ms.

Organisation internationale de la francophonie. 2010. *La langue française dans le monde*. Paris: Editions Nathan. <http://www.francophonie.org/IMG/pdf/Synthese-Langue-Francaise-2010.pdf> (30 May, 2013).

PERROIS, L. 1972. *La statuaire fang, Gabon*.

PRAH, Kwesi Kwaa. 2002. *Rehabilitating African languages: language use, language policy and literacy in Africa: selected case studies*. Cape Town, South Africa: Centre for Advanced Studies of African Society (CASAS).

QUINTANA, Lucía & Juan Pablo MORA. 2003. Enseñanza del acervo léxico árabe de la lengua española. In Manuel Pérez Gutiérrez & José Coloma Mestre (eds.), *El español, lengua del mestizaje y la interculturalidad*, vol. XIII. (Actas de ASELE). Madrid: Instituto Cervantes. http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/13/13_0697.pdf (29 May, 2013).

República de Guinea Ecuatorial. 2007. *Ley Núm. 5/2.007. Ley general de educación*.

SKUTNABB-KANGAS, Tove, Robert PHILLIPSON & Mart RANNUT (eds.). 1994. *Linguistic human rights: overcoming linguistic discrimination*. (Contributions to the Sociology of Language 67). Berlin; New York: Mouton de Gruyter.

SMITH, Norval. 1987. The genesis of the Creole languages of Surinam. PhD thesis, University of Amsterdam.

STEFLEJA, Izabela. 2012. The costs and consequences of Rwanda's shift in language policy from French to English. *Africa Portal Backgrounder*(30). <http://www.africaportal.org/articles/2012/05/31/costs-and-consequences-rwanda's-shift-language-policy> (1 June, 2013).

TIOGANG, Issacar Nguen Djo. 2007. La creación semántica y léxica en el español de Guinea Ecuatorial. Madrid: Universidad Complutense de Madrid PhD dissertation.

United States, Central Intelligence Agency. 2012. *The CIA world factbook 2013*. New York: Skyhorse Pub. <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2050.html> (19 May, 2013).

YAKPO, Kofi. 2009a. Complexity revisited: Pichi (Equatorial Guinea) and Spanish in contact. In Nicholas G. Faraclas & Thomas Klein (eds.), *Simplicity and complexity in creoles and pidgins*, 183–215. London: Battlebridge.

YAKPO, Kofi. 2009b. A grammar of Pichi. PhD dissertation, Radboud University Nijmegen.

YAKPO, Kofi. 2010. *Gramática del Pichi*. Barcelona: CEIBA.

YAKPO, Kofi. 2011. Lenguas de Guinea Ecuatorial: de la documentación a la implementación. *Oráfrica* (7). 13–28.

YAKPO, Kofi. 2012a. Betwixt and between: "African" and "European" causatives in the English-lexicon creoles of West Africa and the Caribbean. In Jaako Leino & Ruprecht von Waldenfels (eds.), *Analytical causatives from "make" to "laskma,"* 9–39. München: Lincom Europa.

YAKPO, Kofi. 2012b. Reiteration in Pichi: Forms, functions and areal-typological perspectives. In Enoch A Aboh & Anne Zribi-Hertz (eds.), *The morphosyntax of reiteration in creole and non-creole languages*, vol. 43, 251–284. (Creole Language Library). Amsterdam: John Benjamins.

YAKPO, Kofi. 2013a. Pichi. In Susanne Michaelis, Philippe Maurer, Martin Haspelmath & Magnus Huber (eds.), *The Survey of Pidgin and Creole Languages: English-based and Dutch-based languages*, vol. 1, 194–205. Oxford: Oxford University Press. <http://lingweb.eva.mpg.de/apics>.

YAKPO, Kofi. 2013b. Wayward daughter: Language contact in the emergence of Pichi (Equatorial Guinea). *Journal of African Languages and Linguistics* 34(2). 275–299. doi:DOI 10.1515/jall-2013-0009.

ZARCO, Mariano de. 1938. *Dialecto inglés-africano; o, Broken-English de la colonia española del Golfo de Guinea*. Turnhout, Belgium: H. Proost.

ZELEZA, Paul Tiyambe. 2006. The Inventions of African Identities and Languages: The Discursive and Developmental Implications. In Olaoba F Arasanyin & Michael A Pemberton (eds.), *Selected proceedings of the 36th annual conference on African linguistics*, 14–26. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. <http://www.lingref.com/cpp/acal/36/paper1402.pdf> (29 May, 2013)